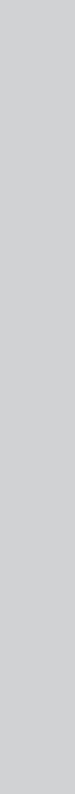


# *Artigo-Editorial*

Editor's Note



## ESCOLA BÁSICA E CIVILIZAÇÃO

Fechamos o volume temático sobre “Escola básica e sociedade”, iniciado na edição anterior, com o objetivo de, nesta, estabelecer interfaces ainda mais sistemáticas e profundas entre a realidade das lides educativas naquele nível de ensino e o entorno sociocultural que as nutrem, avassalam, orientam (muitas vezes, desorientam)... e que, enfim, lhes oferecem uma razão de ser definitiva. Trabalhamos com a tese de que a escola é um dos bastiões que restam de resistência e ressignificação civilizacional, talvez numa atitude defensiva em relação às observações daqueles que alardeiam o fato de, embora maus alunos, terem prescindido da escola para alcançar o ‘sucesso’, seja lá o que isso signifique.

É certo que a realidade sociocultural contemporânea tem sido impactada pelos valores que se originam no âmbito dos mercados e se difundem na poderosa velocidade das mídias, especialmente a televisão e, mais recentemente, a Internet. Em tal contexto, a escola, cuja responsabilidade de ‘educar’ pressupõe a difusão dos conhecimentos acumulados pelas gerações anteriores, portanto, fundamentalmente, o conhecimento científico (ou o conhecimento ‘válido’, ‘legítimo’, ‘autorizado’, ‘pesquisado’, ‘comprovado’, sempre assim, com aspas, para não desconhecer as alentadas discussões sobre as insuficiências dessa forma de conhecer, que está a merecer críticas), se vê às voltas com uma concorrência algo desleal, porque, entre outras coisas, esbarra na diferença de papéis e métodos empregados, amplamente favoráveis à difusão midiática. Trocando em miúdos, a escola tem compromisso com a formação das novas gerações no âmbito de um patrimônio cultural herdado, embora oferecido à reconstrução se aplicados métodos adequados para tanto; para cumprir esse objetivo, precisa valer-se de linguagens, técnicas e métodos

pedagógicos que acentuem, necessariamente, o ‘estudo de compromisso’ focado na leitura, reflexão e debate de conteúdos pré-formatados, num contexto educativo novo para os ingressantes. Na escola, a apropriação desses conteúdos se dá sob a regência de métodos rigorosos, perseguindo objetivos programáticos e/ou competências e habilidades definidos – em suma, há um teor de repressão a atitudes que se esgotem em mera fruição, situação que, nos meios de comunicação, cujo compromisso maior é com a novidade e o entretenimento (e, claro, com os anunciantes, que representam os mercados), parcamente providos de compromissos éticos ou coletivos, exalta-se metodicamente:

Todo dia tem de se apresentar alguma coisa nova, para que o indivíduo não troque de canal. É preciso entreter, o que não tem nada a ver com divertir. A diversão, Freud já disse, é parêntese à reflexão ética. Quando se diverte, a gente se desobriga de pensar eticamente [...] A moral do espetáculo começa a fazer com que o parêntese vire a regra. (COSTA, 2004, p. J4).

Outro lado desse descompromisso com a reflexão, a ética e a consciência crítica pode ser encontrado entre os que teoricamente se constituem formadores de opinião, em matéria veiculada ao lado da entrevista aqui mencionada: “Chega a superar 43% o público A-B do Superpop, com Luciana Gimenez na Rede TV!, mais que a média nacional do Programa do Jô (38%) [enquanto] O público C de Gimenez gira em 39% e o D-E, em 15%.” (PEREIRA JÚNIOR, 2004, p. J5). Para dramatizar o quadro, a mesma matéria relata dados da pesquisa realizada há três anos pela Câmara Brasileira do Livro, *Retrato da Leitura no Brasil*, confirmando o triste fato de que

[...] nossa elite cultural é menor que a econômica [...] O balanço foi desolador, como a constatação de que 14% da população letrada não lê nada [...] Segundo a pesquisa, 1/3 da classe A garante ter absoluta falta de prazer com o ato de ler (a média nas outras classes é menor, 25%). O levantamento mostra que 30% da classe A prefere outro tipo de entretenimento a ler [...] é sintomático que – das pessoas com nível universitário – na prática, a fina flor intelectual de um país – admita não gostar de ler e quase 1/3 (27%) diga não ter lido um só livro um mês antes da pesquisa [...] Menos da metade de A-B cultiva o hábito de ler por vontade própria. [...] ir a shoppings era prioridade para 52% A-B, mais que ir a shows (47,1%) ou simplesmente ouvir música (46,8%). (id. ib.).

O resultado dessa ‘concorrência’ é amplamente desfavorável às funções precípuas da escola, a julgar pela comparação do desempenho dos adolescentes brasileiros de 15 anos com os de 40 países submetidos a provas pelo Programa de Avaliação Internacional de Alunos (PISA), da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), realizadas, no Brasil, pelo Instituto Nacional de Estudos de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) (2004): fazemos parte do grupo de países abaixo da média, além de termos marcado presença, mais de uma vez, entre os últimos lugares em provas de Leitura e Matemática.

Para o pragmático mundo que se vem conformando há mais de três décadas, a atratividade dos meios e do consumo individualizado e compulsivo, aliada à repulsa ao ensino escolar, configura a regra. O horizonte pedagógico dos jovens parece pautar-se numa mirada curta e que se põe imperativa: são eles instados a perseguir o sucesso que, por sua vez, representa as possibilidades de conquistas materiais, imprescindíveis para conferir qualidade de vida num mundo de consumidores, baseado no ‘vale quanto paga’. A perspectiva,

digamos, mais ontológica que orientava a escola de outros tempos, levando os jovens a imergir em sua cultura e nos valores de seu tempo, promovendo sistemas de identificação e sentidos para o ser social, foi subsumida à ordem rasa mas vibrante da ‘pedagogia’ implícita das tecnologias audiovisuais. Não é à toa que os debates desta edição apresentam um texto de sabor propositadamente didático que pauta a necessidade de estimular, entre os jovens e desde a primeira idade, a atitude investigativa e a orientação para a pesquisa, para o ‘descobrir’ baseado no pensamento filosófico. Tal texto (pp. 67-85) é de autoria do Prof. Marcos Antônio Lorieri, da PUC-SP e do Programa de Mestrado em Educação da UNINOVE, e recupera a perspectiva de revalorização da filosofia para uma inserção criticamente qualificada no mundo contemporâneo, cuja profusão de informações está a exigir tratamento pedagógico e preparo cognitivo para constituir formação. De outro lado, embora pareça paradoxal – de fato, o é –, nada mais adequado para os próprios mercados que estimular a especulação filosófica e a atitude investigativa, se atentarmos aos perfis profissionais por eles exigidos, que costumam enfatizar, entre outras, as capacidades de decodificação crítica da realidade, autonomia decisória e sólida formação cultural. Em recente entrevista à *Revista Educação*, o consultor de empresas Eduardo Najar (2004) advoga, com a devida consideração à formação focada na profissão, a necessidade de reforçar o estudo de filosofia. Também recentemente, em setembro passado, a Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados aprovou o Projeto de Lei 2727/03 (AMORIM et al., 2004) que inclui, no currículo do ensino médio, a obrigatoriedade do estudo sistemático de Política, associado ao estudo de Sociologia e de Filosofia. Tais iniciativas visam fomentar a difusão de conteúdos sociais e humanísticos na formação escolar para que, entre outros objetivos, os estudantes tenham condições de contextualizar o próprio conhecimento, reconhecer a diversidade de saberes sociais existentes e adotar uma perspectiva crítica das ciências, das técnicas e das tecnologias.

Além da competição desleal com os meios na disputa por influenciar os jovens ainda imaturos e sem preparo para a vida, ressentem-se a escola da desvalorização – por reformatação e talvez resignificação – da família como suporte fundamental da educação. Esta não mais constitui aquele núcleo tradicional que enfrentava a tarefa de encaminhar os pequenos ao mundo dos valores sociais, socializando-os e educando-os para as relações, mão segura a ensinar os primeiros passos da convivência, com a vantagem de, potencialmente, fazê-lo no embalo do afeto e da segurança domésticos. Os resultados da pouca presença familiar no estímulo ao estudo e na difusão de valores de convivência se fazem sentir de imediato nas unidades escolares, tornando-as mais permeáveis à invasão da violência física e simbólica que acompanha a degradação da vida em sociedade e da competição desenfreada a que estão expostos os jovens.

Seria falso supor, no entanto, que a Escola se encontra em estado de catatonia, imune aos estímulos das mudanças, embora esteja, sim, submersa em uma auto-avaliação algo complacente, e ainda não se tenham oferecido soluções governamentais minimamente satisfatórias para a recuperação do prestígio social da carreira docente e da infra-estrutura escolar. Tanto a Escola quanto a política educacional e todo o sistema educativo público e privado, ademais de várias organizações denominadas não-governamentais, vêm trabalhando na direção de revitalizar as unidades escolares como espaço dinâmico e potencialmente crítico de acolhimento das diferenças, sem os disfarces hipócritas da mera tolerância; de aprendizado para lidar e potencializar expectativas de vida e formação de variados tipos; de ofertar os fundamentos para inserção cidadã dos jovens na vida pública e nas relações interpessoais. Merecem algum destaque as iniciativas que buscam estimular a assunção dos agentes sociais da comunidade nas responsabilidades com a formação escolar. No texto de Maria da Glória M. Gohn (pp. 39-65), professora da UNICAMP e do Mestrado em Educação da UNINOVE, pesquisadora internacionalmente experimentada no debate das relações entre os mistérios da educação e os

movimentos comunitários, vamos encontrar uma teorização importante sobre tais relações; no artigo que congrega os esforços de Júlio Groppa Aquino, professor titular da Faculdade de Educação da USP, e Roseli Sayão (p. 15-37), psicóloga, colunista da imprensa e proponente de projetos para a dinamização das escolas públicas, encontraremos, além de uma teorização que impede a vulgarização da temática, um reporte de iniciativas promotoras do intercâmbio escola/comunidade e repactuação das relações sociais e pedagógicas no interior da escola, nomeadamente as da Escola da Ponte, de Portugal, e as da Amorim Lima, de São Paulo. Esses articulistas têm em comum o destacar a atuação das escolas na relação com suas comunidades do entorno, numa tentativa de melhorar seu prestígio e função social e recuperar a auto-estima de suas equipes educativas e freqüentadores, buscando soluções pedagógicas e metodológicas que a ressignifiquem e reponham sua missão de formar para a vida.

Ao lado dessas iniciativas, cabe às equipes escolares – professores, coordenadores, supervisores, diretor – agir na direção de propor novos sentidos aos conteúdos curriculares e atualizar os existentes, incorporando os estudantes como artífices de sua construção/ressignificação. E nessa tarefa a escola deverá valer-se do reposicionamento da função escolar na comunidade, o que implica mesmo convencer os jovens, suas famílias e os diversos agentes sociais organizados da importância da educação para o futuro de todos eles, da cidade, do país e do planeta maltratado. Mais que isso, sabemos que tais responsabilidades pedagógicas serão realizadas num clima de ‘mudança dentro das mudanças’ sociais contemporâneas, o que significa que as equipes escolares, assim como os próprios sistemas educativos, devem investir, em caráter permanente, na formação docente, sob o princípio da educação continuada. Afinal, não se pode exigir dos estudantes um esforço de estudo, investigação e formação do espírito crítico, sem manter os educadores num permanente estado de alerta educativo – como já dito por Pedro Demo (2000), não se pode ensinar sem pesquisar. Como o conhecimento precisa, para ganhar vida



e sentido, de permanente ressignificação, e pelo fato de a formação dos profissionais docentes se realizar principalmente no nível superior, sua relação com a educação básica deve (deveria) ser incentivada e pesquisas que avaliem essa formação vis-à-vis às necessidades dos jovens estudantes, fomentadas. Com essa preocupação, animamo-nos a publicar artigo (pp. 87-106) de um coletivo de pesquisadores da UNICAMP inseridos no Programa America Latina de Formación Acadêmica (ALFA), no âmbito da Red de Ambientalización en Estudios Superiores, dedicado a revisar o atual grau de ‘ambientalização’ curricular em cursos de licenciatura. Tomando como estudo de caso as licenciaturas em Geografia e Ciências Biológicas, os autores retratam pesquisa que buscou verificar como as questões ambientais são tratadas nesses cursos, ressaltando a dificuldade de estabelecer pontes conceituais interdisciplinares que impeçam o retalhamento positivista dos objetos de estudo – trata-se de um alerta sobre a importância de planejar a formação dos futuros formadores da escola básica.

Obviamente, os desafios que se põem à escola – e, pode-se dizer, à cultura escolar – nos tempos atuais, não representam uma questão exclusivamente brasileira, ou focada nos países em desenvolvimento que têm posto a educação, retoricamente ou não, como prioridade fundamental no esforço de inserção na economia global e na cultura mundializada. Esses desafios alcançam todas as nações do planeta, mesmo que em escalas diferenciadas, e o intercâmbio em torno de um debate plurinacional é necessário. Nessa direção, publicamos artigo do professor e diretor do Departamento de Ciências da Educação da Université Paris 13, Jean Biarnès, no qual o autor pontua as mudanças perpetradas no sistema escolar francês ao longo do século passado e os desafios da virada ao século XXI, remetendo-os, numa visada histórica, aos impactos culturais das descobertas científicas do fim do século XIX e de todo o XX. O pesquisador alerta para a necessidade de considerar as mudanças dos paradigmas e instrumentos de comunicação que se refletem na constituição

de novas necessidades cognitivas do estudantado e, em conseqüência, exigem a atualização da formação docente.

Ao fim da seção *Artigos e Ensaios*, apresentamos a Carta da terceira edição do Fórum Mundial de Educação (“Construindo uma Plataforma Mundial de Lutas”), expediente tradicional que visa contribuir para o debate social das questões educacionais mundiais. Seguimos com *Resenhas e Resumos*, focando ainda mais os temas da educação com as resenhas de obras da área e expondo a investigação dos Programas de Mestrado deste Centro Universitário. Finalizamos com uma lista que orienta os leitores em suas pesquisas na Revista, constituída de índice remissivo de autores e títulos.

Nosso objetivo foi oferecer reflexões que, embora não esgotem o tema, auxiliem seu debate mais aprofundado e consistente e demonstrem as possibilidades que o pensamento científico da Academia tem de contribuir, na ação teórica, com os nossos desejos de qualificar a educação escolar e diminuir as assimetrias que se acumulam nas sociedades.

Esperamos tê-lo conseguido e que a leitura possa preencher eventuais lacunas do debate acadêmico.

*Eduardo Santos e José Rubens Lima Jardimino*

Editores

## Referências

AMORIM, Érica; LISBOA, Claudia; RAVAZZOLI, Simone (Ed.). Comissão aprova inclusão de disciplina no ensino médio. In: Tempo real. *Agência Câmara*. Brasília, DF: 11h48. 15 set. 2004. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/internet/agencia/materias.asp?pk=55579>>. Acesso em: 16 set. 2004.

COSTA, Jurandir Freire. Em busca da aura perdida. In: Entrevista. *O Estado de São Paulo*. São Paulo: OESP, 12 dez. 2004. Caderno Aliás.

DEMO, Pedro. *Ironias da educação: mudança e contos sobre mudança*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. 102 p.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). *Melhora desempenho brasileiro no PISA*. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/imprensa/noticias/outras/news04.51.htm>>. Acesso em: 7 dez. 2004.

NAJAR, Eduardo. In: Entrevista. *Revista Educação*. São Paulo: Editora Segmento, out. 2004. ano 8, n. 90.

PEREIRA JÚNIOR, Luiz Costa. O gosto C da classe A. *O Estado de São Paulo*. São Paulo: OESP, 12 dez. 2004. Caderno Aliás.

E  
C  
C  
O  
S

R  
E  
V.

C  
I  
E  
N  
T.

v. 6  
n. 2

dez.  
2004